



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE GEOGRAFIA**

GISLAYNE APARECIDA BARBOSA MIRANDA

**O ENSINO DA GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
Reflexões sobre formação docente e práticas pedagógicas em uma escola do campo de
Queimadas-PB**

**CAMPINA GRANDE-PB
2021**

GISLAYNE APARECIDA BARBOSA MIRANDA

**O ENSINO DA GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
reflexões sobre formação docente e práticas pedagógicas em uma escola do campo de
Queimadas-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Orientadora: Prof. Dr.^a Juliana de Almeida Nobrega

CAMPINA GRANDE-PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B238e Miranda, Gislayne Aparecida Barbosa.

O ensino da geografia nos anos iniciais do ensino fundamental [manuscrito] : reflexões sobre formação docente e práticas pedagógicas em uma escola do campo de Queimadas-PB / Gislayne Aparecida Barbosa Miranda. - 2021.

42 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Ensino de Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Juliana de Almeida Nobrega, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Ensino de geografia. 2. Ensino fundamental. 3. Formação docente. 4. Práticas pedagógicas. I. Título

21. ed. CDD 372.89

GISLAYNE APARECIDA BARBOSA MIRANDA

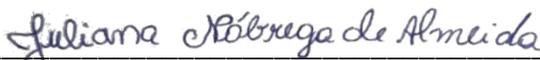
**O ENSINO DA GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
Reflexões sobre formação docente e práticas pedagógicas em uma escola do campo de
Queimadas-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Aprovada em: 08/07/2021.

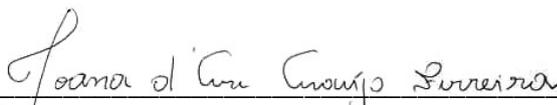
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr^a. Juliana de Almeida Nobrega (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Josias Ivanildo Flores de Carvalho
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



Prof. Dr^a. Joana d'Arc Araújo Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A **DEUS**,

Primeiramente, por conceder-me sabedoria durante minha trajetória estudantil, por ter me guiando nos momentos mais difíceis em minha vida, me dando saúde, força e coragem para lutar e chegar à conclusão de um curso de pós-graduação.

Ao meu **FILHO**, meus **PAIS**, meu **ESPOSO** e a toda minha família, que são as pessoas mais importantes em minha vida, minhas fontes de inspiração, exemplo de caráter e honestidade. Vemos hoje um sonho se concretizando, saibam que essa conquista é nossa.

Aos meus **amigos** Jessika Mírrlla e Epitácio Liberato por todo apoio e amizade desde os tempos de graduação, amigos que são para a vida toda.

A Minha **orientadora**, meus professores, que contribuíram com a minha formação e na minha construção de aprendizagem.

A **banca examinadora** na pessoa de Joana que acompanha meu percurso desde a graduação, e a qual tenho muito carinho e admiração, também ao professor Josias, por se disponibilizar em participar desse momento, contribuindo significativamente para melhorar a pesquisa.

Finalizo agradecendo a todos que tiveram contato com esse trabalho diretamente e indiretamente!

Educação não transforma o mundo. Educação muda às
pessoas. Pessoas transformam o mundo.

-Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho tem como contribuição refletir sobre a formação docente e práticas pedagógicas dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental da Escola Municipal José Francisco Bezerra, localizada no Sítio Catolé municipalidade de Queimadas-PB. A preocupação central é compreender se os conhecimentos geográficos adquiridos na vida acadêmica dos professores proporcionam a construção de uma prática docente significativa, que contribua para promover a alfabetização geográfica dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Para alcançarmos os objetivos propostos, realizamos pesquisa utilizando autores como: Callai (2005), Cavalcanti (1998), Straforini (2002), que retrata a problemática do ensino de Geografia nos anos iniciais e a formação docente. Este trabalho apresenta uma abordagem quanti-qualitativa, com a utilização do método indutivo, o procedimento metodológico que norteou o desenvolvimento da pesquisa, é pautado na pesquisa de campo a partir da análise de dados coletados da pesquisa realizada com os professores/pesquisados. A sistematização de nossas observações e dados coletados nos permite ressaltar a importância da preparação, qualificação e formação continuada dos professores pedagogos, para que estejam preparados para a prática docente, possibilitando a alfabetização geográfica aos alunos dos anos iniciais do ensino sendo esta basilar para as demais séries do ensino fundamental, construindo um ensino aprendizagem de geografia significativo.

Palavras-chaves: Ensino de Geografia; Anos Iniciais do Ensino Fundamental; Formação Docente; Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

The present work contributes to reflect on the teacher training and pedagogical practices of teachers from the early years of elementary school at the José Francisco Bezerra Municipal School, located in the Sítio Catolé municipality of Queimadas-PB. The main concern is to understand whether the geographic knowledge acquired in the academic life of teachers provide the construction of a meaningful teaching practice, which contributes to promoting geographic literacy for students in the early years of elementary school. To achieve the proposed objectives, we conducted research using authors such as: Callai (2005), Cavalcanti (1998), Straforini (2002), which portrays the problem of teaching Geography in the early years and teacher training. This work presents a quanti-qualitative approach, using the inductive method, the methodological procedure that guided the development of the research, is based on field research from the analysis of data collected from the research carried out with teachers/researched. The systematization of our observations and collected data allows us to emphasize the importance of preparation, qualification and continuing education of pedagogue teachers, so that they are prepared for teaching practice, enabling geographic literacy for students in the early years of education, being fundamental for those of more grades of elementary school, building a meaningful teaching learning geography.

Keywords: Geography teaching; Early Years of Elementary School; Teacher Training; Pedagogical Practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Gráfico 1- Dificuldades encontradas pelos professores para lecionar Geografia	18
Gráfico 2- Recursos didáticos que os professores pesquisadores mais utilizam.....	200
Gráfico 3- Formação foi suficiente para lecionar Geografia	24
Gráfico 4- Preparação dos professores pesquisados ao abordar os conteúdos de Geografia em sala de aula.....	25
Gráfico 5- As aulas de Geografia leva em consideração a perspectiva do campo/zona rural ..	32
Gráfico 6- Tempo de atuação dos professores na educação	3233

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL E A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO	12
2.1 Da institucionalização da ciência ao pensamento geográfico.....	12
2.2 O ensino de Geografia nos anos iniciais de ensino do fundamental: olhares e reflexões	16
2.3 A formação do pedagogo para o ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental	21
2.4 O ensino de Geografia e a educação do campo: Construção de possibilidade	26
3 SINGULARIDADE DOS PROFESSORES DA ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ FRANCISCO BEZERRA, QUEIMADAS –PB.....	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIA	37
APÊNDICE A - Questionário para Professores pesquisados.....	39

1 INTRODUÇÃO

O papel do professor é extremamente importante, no processo de ensino e aprendizado, pois cabe a ele, propiciar o conhecimento e facilitar o entendimento da realidade em que o aluno vive, levando em consideração todo o conhecimento prévio já adquirido, como aborda Callai (2005, p. 45) ao citar que “os nossos alunos precisam aprender a fazer as análises geográficas. E conhecer o seu mundo, o lugar em que vivem, para poder compreender o que são os processos de exclusão social e a eletividade dos espaços”.

Diante desse contexto, a Geografia nos anos iniciais tem um papel fundamental de possibilitar às crianças a leitura de mundo, é importante que nessa fase as crianças comecem a construir uma noção de espaço e a entender sua organização. Porém um de seus maiores desafios da disciplina de geografia está nos primeiros anos de ensino fundamental onde a ênfase do trabalho dos professores nessa modalidade para a alfabetização no sentido da aquisição da leitura e escrita, ficando a disciplina de Geografia em segundo plano, sem a devida importância, e quando abordada, ocorre de forma fragmentada, e com um tempo limitado em sua carga horaria nessa etapa de ensino.

No entanto em muitos casos os professores pedagogos não se sintam preparados para trabalhar com a disciplina de Geografia, em muitos casos devido a sua formação na graduação de Pedagogia, que acaba limitando o ensino e aprendizagem de Geografia por isso é necessário que o Pedagogo possua base sólida da ciência geográfica e das suas formas de ensino, bem como ampliando o seu entendimento para o ensino de Geografia, quando não existe esse processo passa-se a ter uma dificuldade, em uma análise mais ampla sobre o espaço.

Desta forma, o presente trabalho busca analisar e refletir sobre o ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental na Escola Municipal José Francisco Bezerra. A preocupação central compreender a formação dos professores pedagogos e se os conhecimentos geográficos adquiridos na vida acadêmica dos professores uma vez que a formação inicial deve trilhar os primeiros caminhos, funestamente com as formações continuadas, devem proporcionar ao professor a construção de uma prática significativa, que contribua para promover a alfabetização geográfica dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Analisando o processo de formação dos professores dos anos iniciais e suas dificuldades para ministrar os conteúdos geográficos, foi possível caracterizar a trajetória do ensino de Geografia e sua importância nos anos iniciais do ensino fundamental; Bem como

avaliar como se dá o ensino de Geografia nos anos iniciais em uma escola do campo localizada na cidade de Queimadas-PB.

É de suma importância analisar como se dá o processo de ensino aprendizagem da disciplina geográfica nas escolas públicas, bem como a importância refletir sobre o papel desse profissional e a sua responsabilidade na construção do ensino de Geografia para as séries posteriores do ensino fundamental. A escolha deste tema é relevante, mediante a importância de conhecer as necessidades, desafios e possibilidades, enfrentadas pelos professores nas séries iniciais.

Para fundamentar a pesquisa utilizamos pontos de vista de autores como: Callai (2003), Castrogiovani (2003), Cavalcanti (1998), Braga (1989), Straforini (2002), entre outro, que discute a temática sobre o ensino de Geografia nos anos iniciais do fundamental. A pesquisa foi realizada no período de 24 de janeiro a 22 de abril em uma escola pública com 08 professores pedagogos que atuam na Escola Municipal José Francisco Bezerra. Essa referida escola localiza-se no Sítio Catolé, zona rural da cidade de Queimadas-PB, e tem esse nome em homenagem ao doador da área física José Francisco Bezerra.

Este trabalho apresenta uma abordagem quanti-qualitativa, com a utilização do método indutivo, o procedimento metodológico que norteou o desenvolvimento da pesquisa, é pautado na pesquisa de campo, que tem como técnica a elaboração de questionário. Os questionários aplicados foi formulado a partir de questões abertas e de múltipla escolha. O questionário foi aplicado com oito pedagogos que atuam como professores polivalente da Escola Municipal José Francisco Bezerra, a aplicação dos questionários foi realizada de forma online, utilizando a plataforma do Google forms, visto que, não foi possível realizar de forma presencial devido a necessidade do isolamento social, ocasionado pela pandemia da COVID 19. Essa pesquisa teve como objetivo compreender e refletir sobre a formação e práticas pedagógicas do professor pedagogo e sua atuação na disciplina de geografia dos anos iniciais do fundamental I.

O trabalho e pautado na pesquisa de campo que é a investigação de um tema e que para a obtenção do resultado pode-se realizar entrevista, aplicar questionário e realizar observações. Como afirma FONTELLES, SIMÕES, FARIAS (2009, p. 07) ao afirmar que:

Uma pesquisa de campo procura coletar dados que lhe permitam responder aos problemas relacionados a grupos, comunidades ou instituições, com o objetivo de compreender os mais diferentes aspectos de uma determinada realidade, sendo mais frequentemente utilizada pelas áreas das ciências humanas e sociais, mediante técnicas observacionais e com a utilização de questionários para a coleta de dados.”

O método utilizado nessa pesquisa é o método indutivo, realizado através de observação sistemática aplicando o questionários, que Segundo Gewandsznajder (1989, p. 41) define a indução como:

[...] o processo pelo qual – a partir de um certo número de observações, recolhidas de um conjunto de objetos, fatos ou acontecimentos – concluímos algo aplicável a um conjunto mais amplo ou a casos dos quais ainda não tivemos experiência.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de procedimentos técnicos utilizados para coletar dados. Como instrumento de coleta de dados opta-se pelo questionário, que os participantes responderam questões de múltipla escolha de acordo com a opinião de cada um. Segundo Cortelazzo e Romanowski (2006, p.40), destacam-no afirmando que:

O questionário é um instrumento dos mais utilizados para a coleta de dados, pois pode ser de simples elaboração e empregado por pesquisadores iniciantes. A base do questionário são perguntas e respostas que podem ser abertas ou de alternativas. A confecção é feita pelo pesquisador e o preenchimento é realizado pelo informante, que discorre sobre o tema.

A pesquisa está dividida em: Aborda um breve resgate histórico do ensino de geografia no Brasil, da institucionalização da ciência ao pensamento geográfico, o segundo tópico aborda o ensino de Geografia nos anos iniciais de ensino do fundamental que discute a forma como a geografia e trabalhada nos anos iniciais do ensino fundamental, suas possibilidades, dificuldades e desafios encontradas por professores pedagogos. O terceiro tópico explana a formação do pedagogo para o ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, fazendo uma retrospectiva dos processos formativos da pedagogia na educação e como se direciona o ensino de Geografia nos anos iniciais do fundamental.

E por fim o ultimo capítulo que discute o ensino de Geografia e a educação do campo: Construção de possibilidade, nesse capítulo buscamos mostrar a importância da prática pedagógica do ensino de Geografia ser pautada na valorização e na construção da identidade da criança campestre, voltada para as especificidades do campo a fim de que o sujeito relacione a temática Geográfica abordado com o espaço onde vive, escolhemos trazer esse tópico para ser discutido no trabalho visto que a pesquisa foi desenvolvida em uma escola do campo, e todos os pesquisados envolvidos atuam nessa referida instituição.

2 O ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL E A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Neste tópico vamos apresentar a institucionalização da geografia como ciência, bem como, a importância do ensino de geografia e a formação do pedagogo, partimos do princípio que a formação do professor de Geografia deve ser construída a partir de princípio teórico e prático por meios de saberes e fazeres.

2.1 Da institucionalização da ciência ao pensamento geográfico

Muito antes de a Geografia ser institucionalizada enquanto ciência, os seres humanos já faziam o uso das técnicas geográficas, a partir de suas necessidades e utilizavam das ilustrações em cavernas para o uso de armazenamento de informações, paisagem, localização de fonte de alimentos e de conhecimentos de rotas que possuíam sobre o espaço para sua vivência. Segundo Filizola e Kozel (2009, p.12):

No início do século XIX já se encontrava em suficiente amadurecimento os conhecimentos das dimensões e formas do planeta; as informações sobre as diferentes regiões da superfície terrestre; o aprimoramento das técnicas cartográficas.

Ou seja, mesmo antes da Geografia ser institucionalizada como ciência os homens já utilizavam como tal e detinham muitos conhecimentos acerca da superfície terrestre, devido às ilustrações. No entanto, só na metade do século XIX, a Geografia passa a ser ciência na Alemanha, com a contribuição dos estudiosos Ritter e Humboldt, e teve no seu desenvolvimento colaborações dos estudiosos Ratzel, e dos franceses Eliseé Reclus e Vidal de La Blache, muito embora cada um com um pensamento distinto, eles foram essenciais para o surgimento da Geografia enquanto ciência e disciplina escolar.

Deste modo, iremos relatar como a disciplina Geográfica chega ao Brasil, a partir de um breve resgate da sua história e dos reflexos sobre o seu ensino, procurando entender a sua configuração em diferentes momentos históricos, apontando as limitações e as possibilidades de superação do ensino de Geografia. O ensino de Geografia surge no período colonial, através dos Jesuítas que trouxeram para o Brasil um sistema educacional europeizado, ficando os padres jesuítas encarregados de ministrar as aulas e os planos de estudo que constavam o que os alunos teriam que estudar. Naquele momento, o ensino de Geografia era desvalorizado sem voz e em segundo plano, sendo lecionada em sala de aula a partir de forma

interdisciplinar, ou seja, interligadas com outras ciências, conforme explica Pessoa (2007, p.33):

O papel destinado ao ensino de Geografia nesse período era o de apenas oferecer uma cultura geral aos alunos. Ensinava-se através de um modelo de Geografia pautado na descrição e enumeração de fatos ou coisas alheias a realidade vivida no nosso território.

Só a partir período imperial, no século XIX a Geografia começa a ganhar força, passando a adquirir o título de disciplina autônoma, no entanto a forma de ensino que prevaleceu foi a da uma Geografia descritiva, fazendo parte da corrente do pensamento da Geografia Tradicional, que teve seus fundamentos alicerçados nas ideias positivistas, adotando o método científico desenvolvido através da observação, da descrição e da classificação dos fatos, limitando-se apenas aos aspectos visíveis do estudo.

No ensino da geografia, essa tendência se consolidou no estudo meramente descritivo das paisagens naturais e humanizadas, sem estabelecer relações entre elas e sem levar em conta o cotidiano dos alunos. Naquele mesmo período, o sentimento de nacionalismo não havia ainda tomado forma nem consistência, possuíam raríssimos estudos da Geografia do Brasil, e os que existiam eram mal escritos, os estudiosos e a população não se dedicava a dar atenção e escrever sobre a sua região, e seu território Brasileiro.

No Brasil república, é importante recordar que as aulas eram ministradas por advogados, engenheiros e até mesmo médicos, os alunos eram levados a conhecer um vocabulário específico da Geografia, uma Geografia mnemônica e contendo muitas nomenclaturas. É necessário frisar que nesse naquele momento o objetivo central da Geografia era induzir os alunos a adorar a pátria, introduzindo a ideologia do nacionalismo patriótico, ou seja, voltado para a formação de um alunado a quem compete enaltecer o Estado nas suas atuações territoriais, exaltando as maravilhas do país, elevado os símbolos e os valores patrióticos.

Desta forma, diante do percurso que o ensino de Geografia no Brasil estava tomando, surgem então os processos de renovação da Geografia escolar, o qual viria a transformar a disciplina geográfica descritiva por uma disciplina geográfica dinâmica e crítica como explica PESSOA (2007, p.47):

O período supracitado é para Geografia escolar brasileira de suma importância, posto que, foi no transcorrer desta época que elucidava de forma mais intensa em nossas salas de aula a penetração da Geografia moderna, num nítido processo de mudança nunca visto antes, alterando assim a forma e a estrutura dessa disciplina.

Sendo assim, a Geografia passa por muitas mudanças, muito embora ainda sendo possível encontrar em sala de aula a influência da Geografia tradicional (descritiva), que aos poucos foi sofrendo mudanças e sua presença nas escolas foi diminuída. Pessoa (2007) atenta para o fato de que nessa luta de melhoria do ensino de Geografia surge um personagem de extrema importância para essa disseminação, sendo ele o professor e escritor, Carlos Miguel Delgado de Carvalho, um cientista político, que sempre se preocupou com a melhoria do ensino de Geografia no Brasil, rígido e crítico em relação à metodologia decorativa e insatisfeita da forma que as nomenclaturas eram repassadas em sala de aula se empenhou muito em desenvolver novas metodologias de ensino de uma forma mais sólida e consistente, tendo grande participação no desenvolvimento do percurso da Geografia escolar no Brasil, sempre focado em discutir mudanças nas práticas que envolviam o ensino de Geografia.

Foi dentro de um esforço de luta que Delgado de Carvalho, em 1926, organizou o curso livre de Geografia superior, com o objetivo de fornecer aos professores uma orientação atual da Geografia, na busca de melhorias no ensino de Geografia, já que naquela mesma época aumenta o número de escolas normais voltadas à formação de professores no Brasil para atuarem na escola primária, mas só a partir da década de 1930 a Geografia chega as Universidades e passa a fazer parte do currículo, sendo a Universidade do Estado de São Paulo a pioneira a criar o curso de Geografia, com forte influência francesa e com tendências tradicionais.

Deste modo, durante todo o percurso da Geografia e sabendo que ela passou por algumas modificações, surge assim às renovações no ensino de Geografia a partir das correntes de pensamento, iniciando com a geografia teórico-quantitativa, conhecida também como a nova geografia que surge nos anos 50 impulsionada pela segunda guerra mundial, buscando superar os erros da geografia tradicional, objetivando analisar o espaço utilizando de quantidade, e números, procurando ser sempre objetiva e imparcial, apresentando novos rumos à ciência geografia, e nesta mesma perspectiva com o intuito de melhorar o ensino de Geografia surgiu a Geografia humanística, incluída também no processo de renovação que tem como base os trabalhos realizados por Yi-Fu Tuan, alicerçado, sobretudo na fenomenologia, e procurando sempre valorizar a experiência do indivíduo e do grupo, se preocupando com o sentimento e avaliando a cultura dos grupos sociais a fim de entender seus comportamento e particularidades em relação ao meio.

A mudança no enfoque da Geográfica estava cada vez mais adquirindo entusiasmo e simpatizantes, e em busca de cada vez mais renovação surgiu a Geografia crítica podendo ser identificada na obra de Yves Lacoste (1976): A Geografia: Isso serve em primeiro lugar para

fazer a guerra, publicada em 1976 na qual constam rigorosas críticas a Geografia clássica. Essa nova Geografia então busca envolver novos temas em conjunto com a sociedade, levar a discussão e debates propondo soluções, buscando formar um cidadão crítico e passando a se envolver com movimentos sociais tratando sempre de forma ordenada e inclusiva. Parafrazeando Pessoa (2007, p.67):

Logo as(s) Geografia(s) crítica(s) escolar dá importância à realidade do aluno, as suas experiências, a sua condição de vida, aos seus conflitos e interesses produzidos no tempo e no espaço, se preocupa em formar alunos cidadão, ativos e participativos, desenvolvendo neles criticidade, autonomia e criatividade em face aos problemas encontrados no seu cotidiano e no seu espaço de vivência.

A esse respeito e de acordo com a temática, pode-se citar Vesentini (2004, p.228), quando afirma que:

Um ensino crítico da Geografia não se limita a uma renovação do conteúdo – com a incorporação de novos temas/problemas, normalmente ligados às lutas sociais: relações de gênero, ênfase na participação do cidadão/morador e não no planejamento, compreensão das desigualdades e das exclusões, dos direitos sociais (inclusive os do consumidor), da questão ambiental e das lutas ecológicas etc. Ela também implica em valorizar determinadas atitudes – combate aos preconceitos; ênfase na ética, no respeito aos direitos alheios e às diferenças; sociabilidade e inteligência emocional – e habilidades (raciocínio, aplicação/elaboração de conceitos, capacidade de observação e de crítica etc.). E para isso é fundamental uma adoção de novos procedimentos didáticos: não mais apenas ou principalmente a aula expositiva, mas, sim, estudos do meio (isto é, trabalhos fora da sala de aula), dinâmicas de grupo e trabalhos dirigidos, debates, uso de computadores (e suas redes) e outros recursos tecnológicos, preocupações com atividades interdisciplinares e com temas transversais, etc.

Sendo assim, a Geografia Crítica veio para revolucionar o ensino de Geografia e agir de forma positiva sobre ele. Nesta perspectiva, em decorrência do mundo globalizado e da importância do conhecimento, devemos saber os significados de cada corrente do pensamento geográfico, reconhecendo a importância de cada uma para o desenvolvimento da Geografia. No entanto as contribuições da Geografia Crítica são relevantes, mas insuficientes para renovar totalmente o ensino de Geografia (COUTO).

Desta forma, a ciência Geográfica e a Geografia Escolar passaram por vários processos de mudanças e renovação. Contudo, após muitas discussões, retrocessos e avanços a geografia a assumir um enfoque de ensino mais prático e motivador, possibilitando ao aluno inovar a cada dia mais seu conhecimento, procurando sempre trabalhar os conhecimentos geográficos a partir do cotidiano dos alunos e não mais de forma decorativo e tradicional, buscando sempre utilizar os saberes prévios dos alunos como forma de chamar atenção e para a

melhoria um aprendizado de forma dinâmica, mesmo que ainda existe um ensino de geografia tradicional e mnemônico, o que infelizmente reduz a importância da Geografia. Straforini (2004, p. 73), ao citar que:

[...] o desinteresse dos alunos para com a disciplina, consequência direta de um conceito de espaço geográfico que só existe em nossas cabeças. Quando conseguirmos vislumbrá-lo como realmente é – dinâmico, contraditório, múltiplo, complexo e relacional, nossos alunos se identificarão com a disciplina, porque, antes estarão identificando-se como cidadãos “no e do” mundo.

Diante dessa conjuntura, os problemas que rodeiam o ensino da geografia nos anos iniciais do fundamental, acabam engessando o processo de ensino e a aprendizagem dessa disciplina, pois não constrói as noções necessárias para o entendimento dos conteúdos geográficos, fazendo com que a geografia continue rotulada como uma disciplina decorativa e sem importância para a vida dos discentes, gerando assim um certo desinteresse por parte dos alunos.

2.2 O ensino de Geografia nos anos iniciais de ensino do fundamental: olhares e reflexões

A Geografia nos anos iniciais tem um papel fundamental e busca possibilitar às crianças a leitura de mundo. Assim é importante que nessa fase as crianças comecem a construir uma noção de espaço e a entender sua organização. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental a disciplina de geografia é obrigatória, no entanto nessa modalidade a ciência geográfica se depara com inúmeros desafios.

Dentre eles, e que em muitos casos, a disciplina não recebe a devida importância, sendo abordada de forma fragmentada, e com um tempo limitado em sua carga horária nessa etapa de ensino. Onde o maior tempo é destinado às disciplinas de Língua portuguesa e matemática. Embora reconhecendo a necessidade de alfabetização, do desenvolvimento da leitura, escrita e dos conhecimentos matemáticos, a Geografia tem um importante papel na formação das crianças, pois além de proporcionar uma maior compreensão do espaço onde vive, esse ensino colabora com o desenvolvimento pleno das crianças na formação cidadã.

Vale salientar que, esse enfoque de priorização das disciplinas de português e matemática se direciona a partir das avaliações externas como a prova Brasil (SAEB), o qual acaba provoca uma superficialidade na abordagem dos conhecimentos pertinentes as demais

áreas do conhecimento na Educação Básica como um todo, particularmente nos anos iniciais. Straforini (2002, p.96) explana que:

Nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental as aulas de Geografia, assim como das outras disciplinas que não sejam Português e Matemática, ocupam um papel secundário, muitas vezes irrelevante no cotidiano da escola. Sabemos que isso decorre da falta de discussões teóricas, metodológicas e epistemológicas, bem como do grande problema na formação dos professores das séries iniciais, que assumem as suas dificuldades perante a discussão teórica das referidas disciplinas.

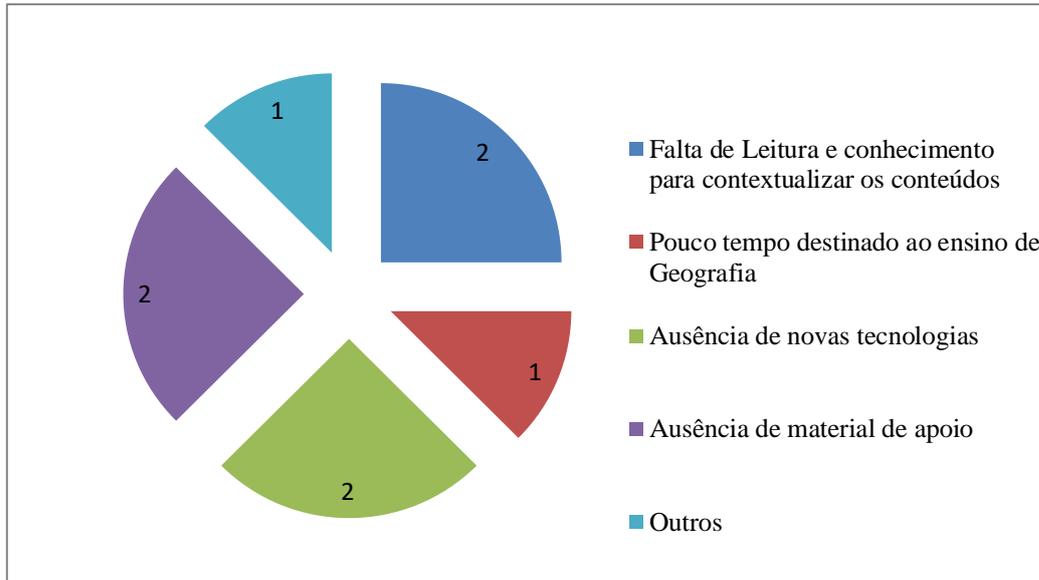
Deste modo, partindo desse pressuposto, podemos afirmar que o ensino de geografia nos anos iniciais, acaba sendo consideravelmente prejudicado em relação às outras modalidades de ensino. Em vista disso, e sentindo a necessidade de discutir as abordagens do ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental tomamos como suporte as orientações propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (2001) que até o ano de 2017 era o único documento norteador do Ensino de Geografia nos anos iniciais, e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017) que atualmente é o documento utilizado para nortear o currículo da educação básica das modalidades educacionais.

Os PCNs traz, duras críticas e preocupação a respeito da forma como a Geografia está sendo abordada nos anos iniciais do fundamental, pois este documento afirma que os professores daquela etapa escolar estão despreparados para trabalhar a disciplina de geografia, e que as mudanças e concepções produzidas pelas universidades não atingiram e não atingem na maioria das vezes os professores. Enquanto a BNCC traz a necessidade do professor extinguir, a geografia tradicionalista, onde era trabalhada de forma meramente descritiva, e aborda a necessidade do domínio do professor ao trabalhar os conceitos geográficos.

Vale ressaltar que embora os PCNs e a BNCC serem documentos oficiais, e que orienta a proposta curricular do ensino no Brasil, seja ela nas esferas municipais, estaduais e até mesmo federal, percebemos que ambos possuem lacunas no que se refere à formação do professor que muitas vezes está em descontextualizada das múltiplas realidades do chão das escolas.

Na análise das discussões da pesquisa realizada foi possível observar as principais dificuldades encontradas pelos professores ao ensinar Geografia nos anos iniciais, a maioria relatou que obstáculos encontrados foram à falta de leitura e conhecimento para contextualizar os conteúdos; Ausência de material de apoio; Ausência de novas tecnologias que poderia auxiliar a prática dos professores. do fundamental I da forma que deveria ser.

Gráfico 1- Dificuldades encontradas pelos professores para lecionar Geografia



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Sendo assim, os professores ou por falta de recurso ou por muitas vezes não ter uma boa formação continuaram ensinando a geografia descritivamente, descontextualizada, apoiada apenas no livro didático. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2007, p.361) traz quer:

É preciso superar a aprendizagem com base apenas na descrição de informações (...). A ultrapassagem dessa condição meramente descritiva exige o domínio de conceitos e generalizações. Estes permitem novas formas de ver o mundo e de compreender, de maneira ampla e crítica, as múltiplas relações que conformam a realidade, de acordo com o aprendizado do conhecimento da ciência geográfica.

Enquanto os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p.106):

[...] a rápida incorporação das mudanças produzidas pelo meio acadêmico provocou a produção de inúmeras propostas didáticas, descartadas a cada inovação conceitual e, principalmente, em que existissem ações concretas para que realmente atingissem o professor em sala de aula, sobretudo o professor das séries iniciais que, sem apoio técnico e teórico, continuou e continua, de modo geral, a ensinar Geografia apoiando-se apenas na descrição dos fatos e ancorando-se quase que exclusivamente no livro didático.

Assim, percebemos que ambos os documentos (PCNs e BNCC) explica a necessidade de uma formação qualificada para os professores pedagogos discutir a disciplina geográfica nos anos iniciais do fundamental, porém a realidade e outra, percebendo as lacunas que o professor dos anos iniciais possui ao lecionar a disciplina de Geografia, cabe ao professor

rever sua prática e buscar melhorias, bem como ter suporte de instâncias superiores, como e o caso das formações continuadas, oficinas, ofertas muitas vezes pelas secretárias municipais/estaduais para a melhoria da prática do/dos professores, como também, na necessidade de ter conhecimento mais aprofundado acerca da ciência geográfica para poder melhorar sua prática em sala de aula.

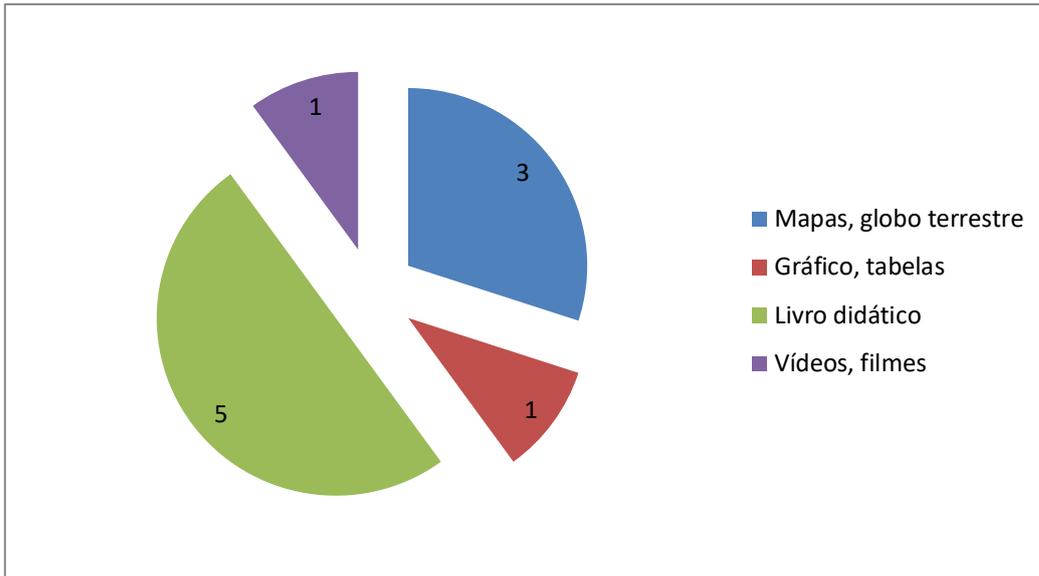
Podemos observar em um dos gráficos resultados da pesquisa realizada com professores pedagogos que observamos que dos 08 professores entrevistados nenhum possui curso, ou formação continuada em Ensino de Geografia, embora alguns pesquisados tenham relatado que possuía dificuldades em lecionar a disciplina, bem como não obtiveram uma boa formação geográfica na graduação em pedagogia.

Assim, iniciamos uma reflexão acerca de como a disciplina geográfica está sendo abordada em sala de aula, já que todos os professores pedagogos relataram nunca ter participado de nenhuma formação continuada na área, vale salientar que esses mesmos professores pesquisados possuíam em sua maioria um tempo de atuação de mais de 20 anos de sala de aula, observa-se que é necessário que essa experiência dos professores os façam entenderem o que nos traz Straforini (2004, p. 51):

Não podemos mais negar a realidade do aluno. A geografia necessariamente deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente. “Mas este presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento”.

Esses aspectos são necessários para que os pedagogos consiga relacionar teoria e prática em sala de aula, tornando aulas mais atrativas para os discentes. Outro ponto relevante que é necessário chamar atenção, através dos resultados obtidos dos questionários, nos permite observar que os recursos didáticos que os professores mais utilizam em suas aulas de geografia foi em sua grande maioria o livro didático. Vesentini (1989, p.167) traz que “o professor não pode e deve encarar o manual não como o definidor de todo o seu curso, de todas as suas aulas, mas fundamentalmente como um instrumento que está a seu serviço, a serviço de seus objetivos e propostas de trabalho”. Sabemos da necessidade e importância do livro didático no processo de aprendizagem, porém ele não pode ser visto como um único recurso didático, com um saber definido, pronto e acabado, fonte única de pesquisa e referência.

Gráfico 2- Recursos didáticos que os professores pesquisadores mais utilizam



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Sabemos da importância que o livro didático possui, e como é um recurso didático indispensável, no entanto o fato é que muitas vezes os próprios docentes acabam se limitando somente ao uso do material didático oferecido pela escola, tornando o processo de ensino/aprendizagem exclusivamente teórico, como aponta Castrogiovanni e Goulart (2003, p. 133):

No ensino fundamental e médio, o livro didático não deve ficar apenas como a única fonte de conhecimento, cabendo ao professor buscar outras fontes e diferentes maneiras de trabalhar suas aulas de forma prazerosa e interessante; deve-se assim, fornecer aos alunos elementos que estimulem, a partir da prática, observação, a interpretação, reflexão, análise, e visão crítica da realidade, fazendo com que eles se sintam agentes transformadores da sociedade.

De tal modo, mesmo compreendendo a importância do livro didático, e sabendo que o mesmo é o único recurso didático que os alunos possuem essa ferramenta não podem ser vista como uma detentora de aprendizagem, mas como um meio de ensino de aprendizagem, pois em muitos casos ela não aborda a realidade e o cotidiano dos nossos alunos, possuindo lacunas. Assim é necessário um aprofundamento do professor sobre os temas da geografia para conseguir uma concepção de Geografia situada e significativa para os estudantes.

Assim, essa dissociação entre os conteúdos abordados e a realidade dos alunos causa certo desinteresse dos alunos em relação à Geografia pelo fato de o professor não conseguir discutir em sala de aula os conteúdos de Geografia relacionados à sua vivência, fazendo com

que os alunos não se sintam inseridos enquanto sujeitos que atuam no espaço que lhes pertence e que pode ser por eles criado/recriado.

Portanto, para ensinar Geografia o professor deve atuar como mediador do processo de ensino-aprendizagem e deverá fazer a intervenção no sentido de constituir a conexão entre a vivência do aluno e o que será apresentado para o aluno aprender, pois ainda presenciamos que os alunos possuem certo desestímulo em relação à disciplina de Geografia, e uma das lacunas que temos encontrado e a dissociação entre os conteúdos aplicados com a realidade e cotidiano dos alunos, possibilitando que o aluno a fim de ao final de cada proposta apresentada adquira novas aprendizagens e que sejam capazes de enriquecer, cognitivamente, bem como, o seu nível de percepção.

2.3 A formação do pedagogo para o ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental

Para conseguir compreender como se dá o ensino de Geografia nas séries iniciais, é se imprescindível entender a formação do professor pedagogo, assim, iniciaremos a discussão acerca da compreensão dos processos formativos da pedagogia na educação e como se direciona o ensino de Geografia nos anos iniciais do fundamental.

A formação de professores em nível superior, no Brasil, iniciou nas primeiras décadas do século XX, com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, no Rio de Janeiro, neste período o curso de bacharelado em pedagogia durava em média três anos e caso o bacharel quisesse sair licenciado bastava apenas cursar mais um ano de didática, esse formato ficou conhecido como o esquema 3+1. Coelho (1987 p.9) salienta que:

Em três anos seria formado o bacharel em pedagogia, indivíduo habilitado a preencher os quadros de técnicos em Educação. Não fica claro, então o que seria esse técnico em educação, qual sua função e especificidade em relação aos profissionais formados nas várias licenciaturas e nos outros bacharelados. A definição desse técnico de educação permanece bastante fluida.

Neste período os professores licenciados atuavam com os anos finais do fundamental II e médio, enquanto os anos iniciais atuavam os professores que tinha em formação o magistério/Normal/Médio esse perfil na formação dos professores no Brasil apresentou certa diferenciação nos níveis da escolarização.

Vale salientar que no início do curso de pedagogia, verificava-se a inexistência de uma disciplina que fizesse diretamente menção à Geografia ou mesmo às discussões sobre estudos do meio. Neste período a formação de nível médio dos professores para atuar nos anos iniciais do ensino fundamental I foi muito discutida, contestada e problematizada ao longo do século XX, a principal crítica a essa formação se dava a partir da deficiência em não aprofundar adequadamente as áreas do conhecimento que o professor iria lecionar. Começando a gerar uma pressão por parte de instituições, órgãos voltados à educação para que a formação em nível superior fosse obrigatória para todos os níveis de formação.

Surgiu então a promulgação da LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N.9394 de 1996 (LDB 9496/96) que acolhe essa demanda e define o curso de Pedagogia como formação preferencial para o exercício da docência na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a mesma lei, conservar a formação do pedagogo como especialista de diferentes áreas, como orientação, supervisão e administração escolar, como afirma os Artigos da LDB nº. 9394/96

Art. 62 A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Art. 63 Os institutos superiores de educação manterão; I cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental.

Art. 64 A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

Esses artigos reacenderam a discussão acerca da identidade e da função do curso de Pedagogia, bem como no processo de elaboração das Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em nível superior. De tal modo, no curso de pedagogia para formar o professor para atuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, deve contemplar estudos referentes ao ensino em Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, Geografia, História, Artes e Educação Física, além de elementos próprios da organização do trabalho pedagógico. Ao final da formação/graduação do professor pedagogo ele deverá estar apto a atuar em todas as

disciplinas dos anos iniciais do fundamental, Como afirma as Diretrizes Nacionais Curriculares (2006, p.03) ao citar que o pedagogo deve estar apto a:

Decodificação e utilização de códigos de diferentes linguagens utilizadas por crianças, além do trabalho didático com conteúdos, pertinentes aos primeiros anos de escolarização, relativos à Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, Artes, Educação Física.

Ou seja, o professor dos anos iniciais deverá dominar todas essas disciplinas do currículo para atuar nessa etapa da educação, pois sua atuação é multidisciplinar. É importante lembrar que seja qual for disciplina, o professor deve considerar o conhecimento prévio dos alunos. Como aborda Resende (1989, p, 84), ao afirmar que:

Se nós, professores, passássemos a considerar devidamente o saber do aluno (seu espaço real), integrando-o ao saber espacial que a escola deve transmitir-lhe o que, segundo me parecia, supõe repensar o objeto mesmo da geografia que ensinarmos, tal atitude poderia trazer profundas e benéficas consequências a nossa prática de ensino.

Sendo assim, percebemos na fala do autor a importância do ensino ser baseado a partir das vivências dos educandos, pois essa prática auxiliará o professor na construção significativa de conhecimentos e formulação de conceitos. Assim, o professor pedagogo antes de pensar em ensinar Geografia tem por obrigação entender para que esta ciência realmente serve, pois, os conteúdos a serem ensinados estão diretamente ligados ao tipo de cidadão que se pretende formar.

Outro tópico importante de discussão é sobre a percepção no déficit nos cursos de pedagogias no que se refere à formação do pedagogo para atuar nos anos iniciais lecionando a disciplina de Geografia, pois geralmente o curso aborda apenas as metodologias para ensinar a Geografia, desconsiderando dimensões importantes como o que ensinar, e como ensinar. Como afirma Braga (2007, p.140) ao citar que:

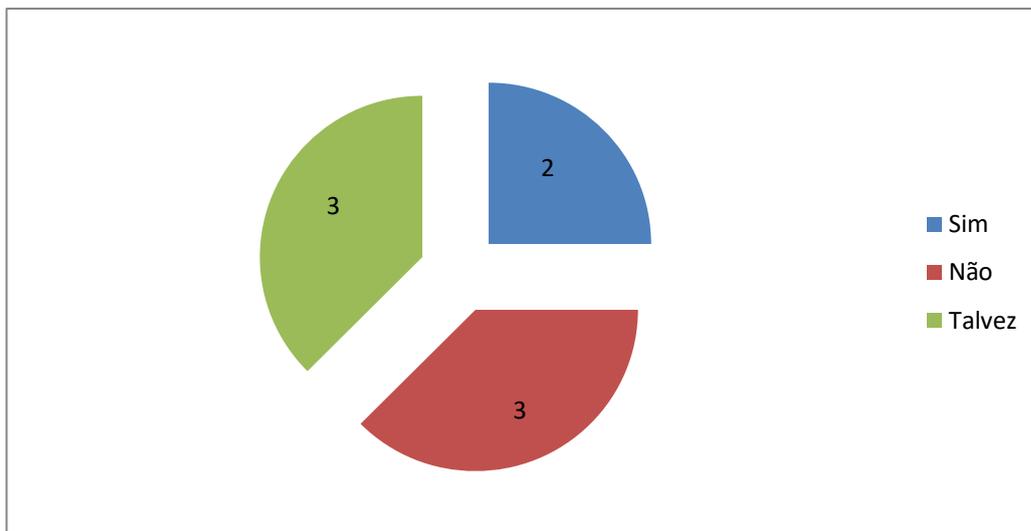
Essa é a característica da maioria dos cursos de formação de Pedagogia de não contemplar a aprendizagem de conteúdos curriculares a serem ensinados nas séries iniciais, mas apenas as suas metodologias. [...] [esse] é um dos motivos pelos quais os professores dessas séries nem sempre ensinam esses conteúdos e priorizam a leitura, a escrita e a matemática.

Logo, o curso de pedagogia acaba deixando uma lacuna no diálogo com a geografia e seus objetos de estudo, dificultando assim uma leitura e análise mais ampla sobre o espaço

geográfico, prejudicando de tal modo a futura atuação desse professor pedagogo ao atuar na disciplina de Geografia.

Como aponta alguns resultados na pesquisa realizada, onde é possível observar que os entre todos professores pesquisadores apenas 02 relataram que no curso de pedagogia obtiveram uma formação significativa para lecionar a disciplina de geografia em sala de aula e que adquiriram o conhecimento necessários para lecionar em sala de aula conteúdos voltados a disciplina de Geografia, 03 dos professores entrevistados relataram que a formação não foi suficiente, enquanto os outros 03 professores relataram que talvez, justificando que a formação em Geografia no curso de pedagogia foi significativa, porém deveria ser mais abrangente, e que sentiu que ficaram algumas lacunas.

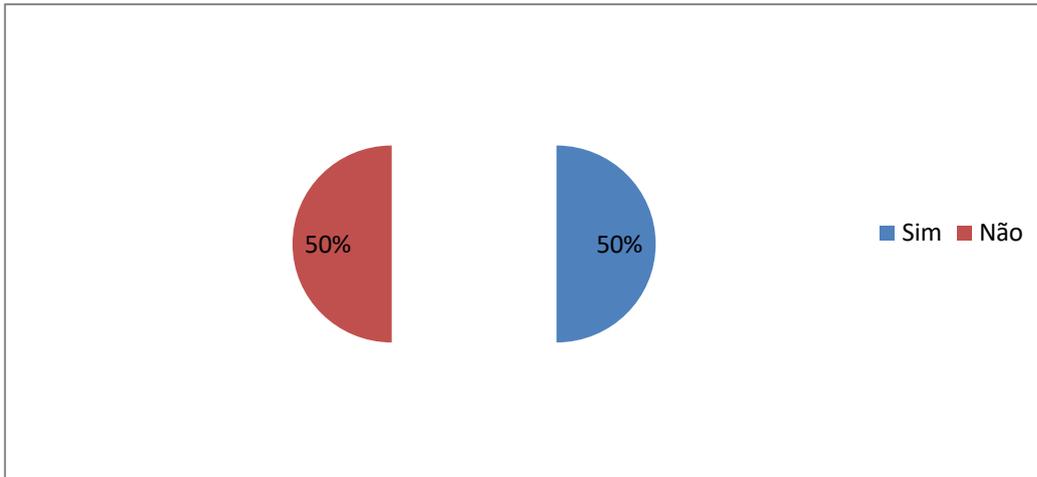
Gráfico 3- Formação foi suficiente para lecionar Geografia



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Outro tópico importante a ser destacado e em relação a como os professores se sentem em trabalhar em sala de aula os conteúdos voltados para a disciplina de Geografia, onde os resultados afirmaram que 50% dos professores se sentem preparados para abordar conteúdos voltados a Geografia em sala de aula, enquanto 50% afirmam que não se sentem preparados e demonstram insegurança.

Gráfico 4- Preparação dos pesquisados ao abordar os conteúdos de Geografia em sala de aula



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Assim, podemos observar o déficit de dificuldade deixado no curso de pedagogia no que se refere a formação do professor pedagogo na atuação da disciplina de Geografia. Ainda sobre essa reflexão e possível destacar que de acordo com esse dado todos os professores que relataram se sentir preparado para atuar em sala de aula tiveram sua formação oriundo das universidades publicas.

Isto se dá, visto que as universidades publicas busca no principio de sua atuação trabalhar em cima de três dimensões: *Ensino, pesquisa, extensão*. Dentre eles podemos citar o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), a residência pedagógica como politica educacional que tem se revelado ações importantes, tanto para a formação docente, quanto para a valorização dessa profissão, pois possibilita a inserção dos graduandos no contexto das escolas públicas, nas quais desenvolvem atividades didático-pedagógicas e vivenciam situações reais de ensino, nas quais poderão aplicar os saberes adquiridos na academia, o que constitui uma verdadeira articulação entre teoria e prática, incentivando a formação de docentes em nível superior para a educação básica, promovendo a integração entre educação superior e educação básica, proporcionando a oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas, práticas docentes e interdisciplinares, que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino e aprendizagem.

2.4 O ensino de Geografia e a educação do campo: Construção de possibilidade

A educação do campo surgiu no final dos anos 60 a partir da preocupação do Estado na grande quantidade de processos migratórios para a zona urbana, ou seja, como uma política pública nacional com o intuito de diminuir o êxodo rural, estabelecendo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB 1961 em seu artigo 105:

Os poderes públicos instituirão e ampararão serviços e entidades, que mantenham na zona rural escolas ou centros de educação, capazes de favorecer a adaptação do homem ao meio e o estímulo de vocações e atividades profissionais. (BRASIL, 1961).

Nesse mesmo cenário, a LDB recomendava que a educação camponesa fosse pautada na profissionalização da mão de obra, com o intuito de manter o cidadão no campo a partir de uma proposta educativa tecnicista e não na proposta de uma educação para o campo, pautada no bem estar social dos camponeses.

Nesse mesmo contexto o ensino de Geografia seguia as ideias nacionalistas, caracterizada pela abordagem tradicional centrada em atividades de memorização e descrição, na qual os conteúdos eram abordados de maneira fragmentada, não permitindo ao aluno a oportunidade de entendê-los em sua totalidade, relacionando-os entre si e ao seu espaço, vale ressaltar que nesse período os conteúdos dessa área, integravam a disciplina de Estudos Sociais. Assim, a Geografia ensinada na década de 60 funcionava em grande parte como um mecanismo de controle do Estado, sobretudo, por estar atrelada aos objetivos do findado governo militar. Aos sujeitos do campo eram impostos modelos pedagógicos de marginalização, sempre vinculando ao mundo urbano desconsiderando a diversidade sociocultural e as práticas sociais daquele espaço territorial conquistado de muita luta.

De encontro a essa realidade ainda sobe regime militar no Brasil começam a surgir diversas iniciativas sociais, dentre elas o Movimento Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que não concordavam com a proposta da primeira LDB de 1961, os movimentos sociais, defendiam uma prática pedagógica que alinhasse o conhecimento técnico ao conhecimento emancipatório e crítico. Assim sendo essa proposta aflora um ambiente conflituoso na busca de uma educação para o campo. Após muitas lutas e reivindicações, a Constituição Federal de 1988 contribuiu de forma significativa na luta do direito da população camponesa que sustentaram as reivindicações por seus direitos sociais, através da promulgação do seu artigo 205 quando explica que:

A educação, é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Dessa forma, passando a ser do Estado o dever de promover a educação para TODOS, abrindo novos caminhos para o início de novas conquistas. A educação campesina como pode observar, foi construída em um espaço de lutas dos movimentos sociais. É só a partir desses feitos que podemos pensar na educação DO campo e NO campo, onde os alunos têm o direito de pensar o mundo a partir do lugar onde vivem, pautada na escolarização, mas também na valorização, no respeito e com práticas educativas compromissadas, levando em consideração os seus saberes culturais e os da comunidade local. Só então com a promulgação da LDB 9.394/96, a educação do campo passa a ter seus direitos garantidos, bem como autonomia na sua modalidade de ensino, em seu artigo 28, determina-os seguintes direcionamentos para a escola do campo:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996).

O que representa uma conquista bastante relevante para construção de um plano pedagógico que oriente os professores nos objetivos e finalidades condizentes com a vida no campo, sendo de extrema importância considerar que o processo educativo exige uma profunda sintonia com a realidade dos sujeitos, e que a valorização da identidade é crucial para a construção de um alunado consciente, reflexivo e transformador do mundo.

Atualmente, observa-se que, de maneira geral, a Geografia contemporânea trabalhada em sala de aula é diferente daquela abordagem tradicional, levando em consideração o cotidiano dos alunos, como também a (re) construção didática do conteúdo e o envolvimento dos diferentes grupos sociais presentes no contexto escolar e na comunidade local onde se situa a escola. Como afirma Callai (2018, p.237):

Aliar o conhecimento teórico-metodológico da ciência geográfica e da Geografia escolar ao contexto específico das comunidades do campo é considerado um desafio e, ao mesmo tempo, uma necessidade para a afirmação destes povos, a manutenção de sua diversidade e a promoção da cidadania.

Assim a Educação do Campo, conforme analisada anteriormente deve estar ligada ao modelo de vida do campo. Para tanto, ressalta-se à importância e as especificidades deste modelo de educação para a geografia no processo de resgate da identidade do sujeito e de sua conscientização. Neste mesmo pensamento Callai(2018, p.246) aborda que:

A Geografia escolar, inserida no contexto da escola do campo, precisa construir conhecimentos que atendam às necessidades destes sujeitos como um direito à educação de qualidade, em um processo que esteja interligado às vivências destas populações, aos seus conhecimentos e necessidades.

Ou seja, o ensino geográfico no espaço territorial do campo deve buscar atender as especificidades dos sujeitos, valorizando as diversas culturas, as memórias, os saberes construídos socialmente. Conforme cita Callai (2018, p. 237):

Na formação das crianças e dos jovens do campo para a cidadania, a Geografia tem papel significativo, pois contribui na constituição dos sujeitos a fim de que compreendam, de modo consciente e crítico, o espaço em que vivem, atuam e no qual se relacionam socialmente, estabelecendo relações com outras dimensões do espaço e com outras realidades.

Deste modo a prática pedagógica do ensino de geografia, deve ser pautada na valorização e na construção da identidade da criança camponesa, voltada para as especificidades do campo a fim de que o sujeito compreenda o espaço onde vive. Na pesquisa realizada buscamos compreender como os professores fazem essa relação, e as respostas levantadas foram que 100% relaciona o conteúdo de Geografia com uma educação voltada para o campo e que reconhece essa importância para a construção de conhecimento dos alunos camponeses, todos eles relataram que buscam sempre abordar a realidade do aluno nas discussões, um dos professores relatou que busca trabalhar na perspectiva do local para o global, enquanto apenas uma professora afirmou que as discussões além de sempre partir da localidade/realidade do aluno, ainda faz à ligação das temáticas as categorias geográficas.

Assim podemos observar que todos os professores relataram que nas aulas de Geografia sempre englobam a educação do campo, referenciando o espaço em que eles vivem, visto que, o espaço onde a escola está inserida faz parte do zona rural, e a política educacional abordado

no PPP da instituição. Buscam abordar valorização da identidade da criança campesina, bem como um ensino pautada na educação do campo, pois é evidente que o processo de aprender deve levar em consideração a cultura, os valores da comunidade local, visto que, a criança sofre influências dentro e fora da escola, assim, torna-se evidente a importância da adesão à flexibilidade de metodologias na busca de motivação para o processo de aquisição do conhecimento aos alunos do campo. Cavalcanti (2005, p. 32) afirma que :

(Práticas sócio-construtivistas na escola) devem por o aluno, sujeito do processo, em atividade diante do meio externo, o qual deve ser “inserido” no processo como objeto de conhecimento, ou seja, o aluno deve ter com esse meio (que são os conteúdos escolares) uma relação ativa, uma espécie de desafio que o leve a um desejo de conhecê-lo.

Deste modo, não basta apenas o professor saber o conteúdo da disciplina geográfica, mas compreender outros elementos, interligando o saber acadêmico com o saber escolar, levando em consideração a realidade do aluno, assim cabe ao professor estimular os alunos a serem atuantes no processo de aprendizagem.

3 SINGULARIDADE DOS PROFESSORES DA ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ FRANCISCO BEZERRA, QUEIMADAS –PB

A Escola Municipal José Francisco Bezerra atende, atualmente, em torno de 202 alunos nas modalidades de educação infantil, ensino Fundamental I e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A referida escola acolhe alunos da comunidade local e de outras 6 comunidades vizinhas (Sulapa, Catolé II, Riacho do meio, Lutador, Brito, Torrões, Boa Vista). A escola possui o projeto político pedagógico (PPP) e encontra-se atualizado. Na construção do PPP é possível perceber a partir dos anexos que toda a comunidade escolar participou do processo de construção, bem como, tem acesso ao documento. A instituição tem sua missão baseada no princípio de ensinar com qualidade e liberdade, para maior aprimoramento do saber, visando formar cidadãos críticos capazes de construir sua história no exercício de sua cidadania.

Figura 01 - Imagem da Fachada Da Escola Municipal José Francisco Bezerra



(Fonte: Miranda, G. A.B/2021)

A escola segue o calendário escolar com 200 dias letivos distribuídos em 800 horas de efetivo exercício, elaborado pela secretaria municipal de educação e adaptado conforme a necessidade da instituição, discutido e abordado no PPP (Projeto político pedagógico). Os eventos e datas comemorativas são planejados pelos professores e funcionários do estabelecimento juntamente com o coordenador e diretor. Na escola existe e funciona outro organismo que é o conselho escolar, composto pelos pais, docentes e funcionários da entidade, o que favorece a parceria com a comunidade, aproximando assim também a família estreitando a relação família-escola, tornando a mesma uma referência em ensino no município.

Quanto ao processo avaliativo da escola, e feito levando em consideração os aspectos qualitativos sobre o quantitativo, sendo realizado um diagnostico de aprendizagem semestral para educação infantil e outro para as series iniciais de acordo com o programa nacional de alfabetização na idade certa.

Figura 02 : Imagem da estrutura física da escola



Fonte: Miranda, G. A.B/2021)

Figura 03: Imagem de uma das sala de aula da escola supracitada



(Fonte: Miranda, G. A.B/2021)

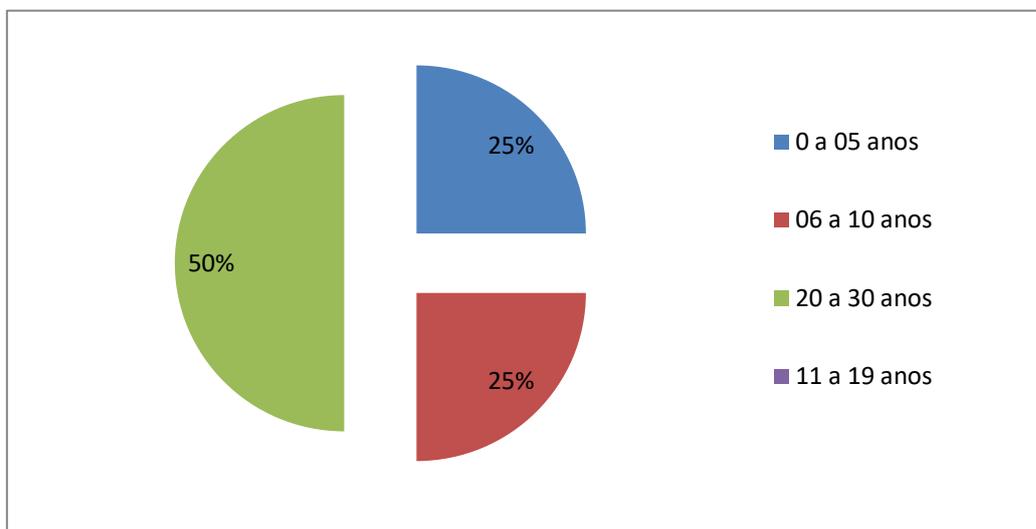
A escola possui uma boa estrutura, com um espaço amplo, contém 4 salas de aula, diretoria, biblioteca, banheiros masculino, feminino e banheiro de acessibilidade, todos os espaços são muito bem aproveitados pelos professores e alunos, não só durante as aulas, como também para apresentações culturais, atividades artísticas e atividades esportivas que enriquecem a socialização e o contato entre os alunos de todas as turmas. As salas de aula são amplas, bem conservadas, bem iluminadas, a escola dispõe de uma grande área livre onde as crianças desenvolvem atividades durante as aulas.

Esta escola conta com diversos recursos pedagógicos de uso coletivo (ábaco, material dourado, blocos lógicos, lego, mapas mundi, xadrez, dominó, esqueletos, quebra-cabeças, etc.), aos quais todos os profissionais têm acesso, conforme sua função e seu planejamento, possibilitando um melhor desenvolvimento do trabalho escolar. Da mesma forma, os alunos têm acesso aos materiais de uso frequente, se solicitado com a autorização do professor responsável, ou em momentos em que se julgue necessário. O questionário para professores teve objetivo de buscar informações para compreender a formação do professor pedagogo e sua atuação como professores ao ministrar aulas da disciplina de Geografia.

Participaram do estudo 08 professores titulares de turma, sendo 07 do sexo feminino E 01 do sexo masculino; ambos atuam como professoras na instituição pesquisada, 50% têm idade entre 25-30, 33,3% acima de 40 e 16,6% acima de 45.

O gráfico 07 abaixo apresenta o tempo de atuação dos professores na área de educação, onde demonstra que 50% de pesquisados estão atuando na educação de 20 a 30 anos, 25% operam na educação de 05 a 10 anos, outros 25% atuam na área de 06 a 10 anos.

Gráfico 5 - Tempo de atuação dos professores na educação

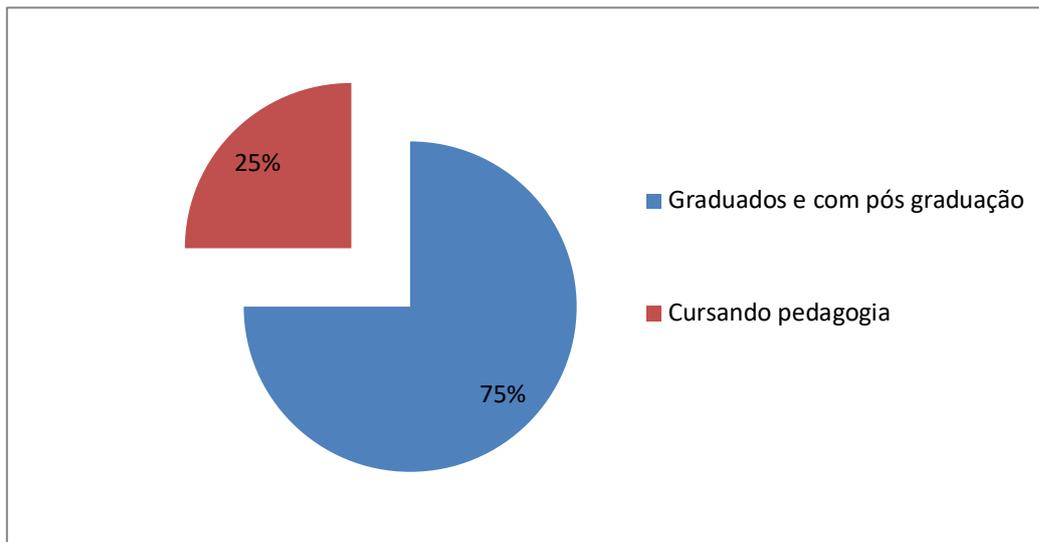


Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Assim podemos observar que a um percentual significativo no tempo de atuação na educação/sala de aula dos professores pesquisados, inclusive dois dos professores pesquisados já atuaram na direção escolar de instituições de ensino municipais.

O gráfico 08 expõe que 75% dos pesquisados possui graduação em pedagogia e pós-graduação na área de pedagogia, enquanto e 25% faltam concluir o curso de pedagogia.

Gráfico 6- Formação dos professores participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Ao analisar os dados ainda foi possível constatar que todos os professores pesquisados que estão com o curso em pedagogia em andamento, também são advindas de universidades particulares e no período de suspensão de aula causada pela pandemia do COVID 19, estão concluindo seus cursos no formato remoto/online. Ainda de acordo com a pesquisa e possível perceber que todos os professores que possui pós graduação são frutos de universidades privadas, sabemos da dificuldade que os alunos advindo das universidades/IES particulares enfrentam, de acordo com a própria pesquisa realizadas pelos professores das instituições, observamos também que esses mesmo professores são os que mais utilizam uma geografia tradicionalista.

Assim sendo a formação continuada e de suma importância para contribuir com o aperfeiçoamento dos professores em frente atuação na disciplina geográfica. Assim e necessário à oferta das formações continuadas em ensino de Geografia por parte das instâncias educacionais, bem como, secretárias sejam elas estaduais, municipais, para que o professores esteja em constante reflexão e (re)significação de suas práticas pedagógicas,

didática, conteúdos geográficos, buscando aprimorar cada dia mais seus conhecimentos, e suas metodologias de ensino. Callai (2005, p.231) fala que:

Para romper com a prática tradicional da sala de aula, não adianta apenas a vontade do professor. É preciso que haja concepções teórico/metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo.

Assim, é possível romper o tradicionalismo e o conhecimento pronto e acabado. A reflexão e ressignificação e uma ação é indispensável para esse caminho de mudanças significativas no ensino, pois permite refletir sobre a ação no processo contínuo de aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida com a finalidade de contribuir para discussões acerca da alfabetização geográfica com os professores dos anos iniciais do ensino fundamental, no sentido de obter uma melhoria da qualidade do ensino da disciplina de Geografia. Nessa perspectiva, a elaboração da presente pesquisa buscou compreender o processo de construção do conhecimento geográfico, mediante a aplicação de questionários aos professores pedagogos atuantes em sala de aula na referida escola.

Após analisar os resultados obtidos, constatamos que, de forma geral, os professores atuantes em sala de aula, apresentam algumas dificuldades ao abordar os conteúdos geográficos em sala de aula, sentimos também a dificuldade de trabalhar recursos didáticos que proporcione uma aula mais dinâmica. É que muitos dos professores mesmo tendo anos de experiência em sala de aula verifica-se, pelas respostas nos questionários, uma insegurança em lecionar a disciplina, como também dificuldade em preparar as aulas. Contudo mesmo com todas essas deficiências em alguns aspectos do ensino, é possível perceber, os esforços dos professores para prosseguir com ensino adequado voltado para a Geografia.

Salientamos que não pretendemos encerrar a discussão dessa temática de como está sendo trabalhado o ensino da ciência Geográfica nas escolas públicas e de como ela está sendo transmitida para alunos. É preciso que a Geografia possa contribuir para o aluno contextualizar a sua vivência. As repostas analisadas no questionário nos remetem a compreender o conhecimento e saberes geográficos que estão cada vez menos valorizados, e secundarizada sendo, principalmente, nos anos iniciais do ensino fundamental, onde nessa modalidade de ensino a carga horário e bem inferior em comparação com a disciplinas de português e matemática, onde são priorizadas devido a prova de avaliação do SAEB.

Observou-se na pesquisa que o papel da universidade na formação do professor pedagogo e centrada apenas no desenvolvimento de metodologias, onde seu currículo e estruturado apenas nos métodos de ensino desatrelados dos conteúdos, criando assim uma distância ainda maior entre a Geografia ensinada e aquela que se deve ensinar. E de suma importância que a universidade avance na qualificação da formação inicial dos professores pedagogos, pois no decorrer da pesquisa foi notório perceber as fragilidades do modelo formativo da graduações em pedagogia, principalmente das universidades/IEs particulares.

Entendemos que a melhoria da formação inicial do pedagogo, bem como, a formação continuada em Geografia dos professores pedagogo e de suma importância, visto que, se configura uma importante ferramenta para a diminuição dos problemas neste trabalho

discutidos e abordados na pesquisa, pois possibilita aos professores refletir e re(significar) sua prática, sua didática e suas metodologias.

Portanto com essa pesquisa buscamos refletir sobre a importância da formação inicial do pedagogo em especial junto ao ensino de geografia pois e de suma importância cursos reflexões e momentos que resinifique a importância do ensino de geografia para os pedagogos, resinificando a sua pratica, sua didática, e sua identidade enquanto professores.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos: Apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998;
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017. Documento preliminar, Segunda versão revista. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 15 de maio de 2021;
- BRASIL. Senado Federal. (1996). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9394/96**. Brasília– DF;
- BRASÍLIA: Conselho Nacional de Educação: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão**. (org.) Alvarenga, C.B e Medeiros. S. 2006;
- BRAGA, R. B. **A formação do professor e o ensino de Geografia nas primeiras séries do Primeiro Grau**. Cadernos de Geografia, nº3 p. 13-30. Junho 1989;
- CALLAI, H. C. **O Ensino de Geografia em Educação do Campo e o Uso do Livro Didático**, 2018 disponível em: [file:///C:/Users/PC/Downloads/7283-Texto%20do%20artigo-35460-1-10-20180626%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/PC/Downloads/7283-Texto%20do%20artigo-35460-1-10-20180626%20(1).pdf). Acesso em: 23 de janeiro de 2021;
- CALLAI, H. C. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANI, A. C. et al. (Orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003;
- CALLAI, H. C. Aprendendo ler o mundo: **a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, 2005;
- CASTROGIOVANNI, A.C; GOULART, L.B.A **Questão do livro didático em geografia: elementos para uma análise**, IN: CASTROGIOVANNI,A.C; CALLAI,H.C; 2003;
- COELHO, Ildeu Moreira. **Formação do educador: a busca da identidade do curso de pedagogia/INEP**. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA Brasília: INEP, 1987 ;
- CORTELAZZO, I.B.de C e ROMANOWSKI. J. P. **Pesquisa e Prática Profissional – Projeto de Pesquisa e Pesquisa e Prática Profissional – Instrumento de Investigação**. Curitiba: IBPEX, 2006;
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1998;
- FONTELLES. J; SIMÕES. M,G; FARIAS. S, H; FONTELLES. R, G, S; **Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa**. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C8_NONAME.pdf Acessado em : 12 de janeiro de 2021;

FILIZOLA, R; KOZEL, S; **Teoria e prática do ensino de Geografia: Memórias da terra:** Volume único. Ed. São Paulo. 2009.

GEWANDSZNAJDER, F. **O que é o Método Científico.** 1989. Pioneira Editora, São Paulo;

LACOSTE, Yves. **A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra** Campinas: Papyrus, 1976;

PESSOA, R. B. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2007;

RESENDE, Marcia M. Spyer. **O Saber do aluno e o ensino de geografia.** In Geografia e ensino: Textos críticos/ José William Vesentini (org)...[et al.];[tradução Josette Gian].- Campinas, SP: Papyrus, 1989;

STRAFORINI, Rafael. **A totalidade mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado.** Terra livre, São Paulo, v.1, n.18. 2002;

VESENTINI, J. W. **O ensino de geografia no século XXI.** Campinas: Ed. Papyrus, 2004.

VESENTINI, José William. [et al.]. **Geografia e ensino: Texto críticos.** Campinas. SP: Papyrus, 1989.

APÊNDICE A - Questionário para Professores pesquisados

Pesquisa para a Monografia da pós graduação em ensino de Geografia – UEPB

Esse questionário busca contribuir com a pesquisa do curso de pós graduação em Geografia UEPB, e pretende compreender como se dá o processo de Ensino e aprendizagem dos alunos no que se refere a formação geográfica dos discentes nos anos iniciais do fundamental I.

Nome do pesquisado (Não obrigatório) _____

Faculdade que concluiu o curso: _____

Sexo:

masculino feminino

Idade:

18 à 30 anos

31 à 40 anos

41 à 50 anos

mais de 50 anos

Tempo de serviço atuando na educação?

0 à 05 anos

05 à 10 anos

11 à 20 anos

21 a 30 anos

Nível de escolaridade

Ensino médio completo

Magistério/Normal

Superior cursando

Superior completo

Possui pós graduação

Sim

Não

Possui dificuldade em preparar as aulas em Geografia?

Sim

Não

Você acredita que a sua formação em geografia foi suficiente para lecionar a disciplina?

Sim

Não

Talvez. Justifique _____

Você se sente preparado para trabalhar com os conteúdos de Geografia em suas aulas?

() Sim

() Não

Possui formação continuada em Ensino de Geografia?

() Sim

() Não

Para as aulas de Geografia quais os recursos didáticos que vocês mais utilizam?

A escola oferece suporte (materiais pedagógicos) para os mesmos trabalharem os conteúdos de Geografia dos anos iniciais? Quais são eles.

Dificuldades encontradas pelos professores ao ensinar geografia?

Falta de leitura e conhecimento para contextualizar os conteúdos

Pouco tempo destinado ao ensino de geografia

Ausência de materiais de apoio

Ausência de novas tecnologias

Outros...